

Eleitor pede até as meias de Sarney

21 OUT 1984

JORNAL DO BRASIL

Brasília—A. Dorigivan

Brasília — Acostumado pela longa vivência parlamentar com os pedidos de véspera de eleição, o candidato a Vice-Presidente da aliança PMDB—Frente Liberal, Senador José Sarney, não conteve a surpresa diante da carta de um admirador que queria um par de meias como recordação. Linhas adiante, ele explicava que já havia notado o apuro com que Sarney escolhia suas meias e pedia, exatamente, aquelas “finíssimas” que a câmera de televisão detalhara, durante uma entrevista do Senador.

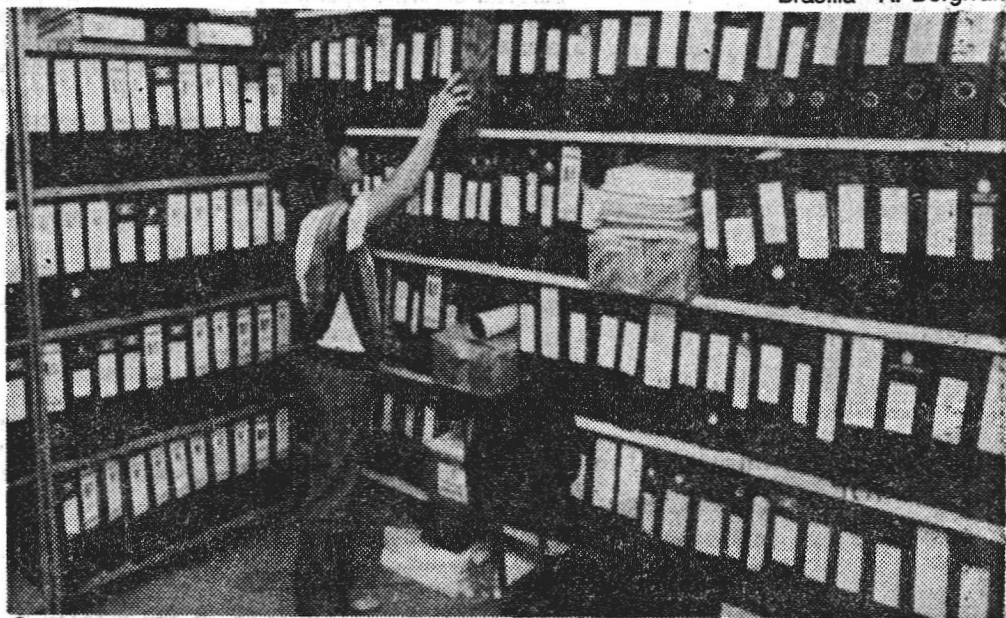
A medida que se aproxima o desfecho da sucessão presidencial, os escritórios de campanha do PDS e da Oposição vêem-se bombardeados por cartas de eleitores. Mesmo excluídos do Colégio Eleitoral, eles não se constroem em fazer pedidos como 200 hectares de terra, “no Piauí ou no Maranhão”, sem desprezar os jogos de camisas de futebol. Alguns são atendidos, como os jovens noivos de Belo Horizonte que resolveram convidar os candidatos para seu casamento. De Maluf, receberam uma baixela de prata.

Cadastro

O candidato do PDS recebe, diariamente, uma média de 800 cartas e de 30 a 40 visitas, como a de Seu José, que veio de Ribeirão Preto. No oitavo andar do hotel San Marco, ansioso, ele esperava semana passada, junto ao elevador, que aparecesse alguém para ajudá-lo a manobrar “aquela máquina.” Seu pedido: queria ajuda “dos homens do Maluf” para legalizar suas terras. Em troca, oferecia “80 votos” de seu povo para ajudar o Deputado a conquistar a Presidência da República.

O escritório de Maluf registra, ainda, dez telefonemas a cobrar e centenas de telegramas diários — que vão do apoio irrestrito a reclamações por pedidos não atendidos. Isso ocupa uma equipe de 14 pessoas — nove em São Paulo e cinco em Brasília.

Nada passa em branco. Cartas, telefonemas, telegramas e pedidos feitos pessoalmente são cadastrados, registrados num computador e respondidos. Nem todas as solicitações são atendidas, mas 99% são respondidas para o “sim” ou para o “não”. As demais são “coisas ofensivas ou ininteligíveis” portanto não passíveis de resposta, segundo Naor Guelfi, o responsável pelo setor de correspondência do candidato do PDS em Brasília.



O comitê de Maluf tem arquivadas todas as cartas recebidas

Do lado da Aliança Democrática, a correspondência hoje se polariza em três frentes: Tancredo Neves, José Sarney e o Vice-Presidente Aureliano Chaves. Tancredo não revela números nem conteúdo. “É delicadeza de mineiro, que preza muito a correspondência”, segundo seu assessor de imprensa, o paranaense José Augusto Ribeiro. Mas, pelos corredores do escritório de campanha, dizem que o volume diário de cartas passa de 100. Mais de apoio do que de pedidos, garante outro assessor.

Sarney e Aureliano têm a mesma média diárias de cartas — de 150 a 200. Os telefonemas alcançam uma média de 100 por semana, mas ninguém se empenhou em contá-los detidamente, desculpam-se os assessores.

Aureliano, depois da queda de cavalo que o deixou internado por duas semanas com o fêmur esquerdo fraturado, passou a receber 400 cartas por dia. Muitas continham orações, em meio a recomendações de atenção com os “malefícios e acidentes provocados”, como dizia uma carta vinda do Rio

de Janeiro. O mesmo missivista recomendava, ainda, “muito cuidado com os tratamentos médicos fora de sua residência, sob pena de não sair com vida”.

Entre os dois candidatos à Presidência, Paulo Maluf é o mais solicitado com pedidos. Em um lote de 30 cartas liberadas por sua assessoria, havia pedidos de máquina de costura industrial, moto-serra, caminhão, casa, kombi, carro, 200 hectares de terras “no Piauí ou Maranhão”, dois tratores equipados para o plantio de arroz, Cr\$ 30 milhões para dragagem de rio, telefone, um bar e emprego fixo para o resto da vida.

Coisas não muito fáceis de atender, certamente. Para as consideradas mais fáceis — bicicletas, bonecas, relógios, bolas e camisas de futebol, por exemplo — Paulo Maluf dá sempre um jeito de atender. Segundo Naor Guelfi, Maluf recebe uma média de 200 convites de casamento para cada fim de semana. Nenhum deles fica sem presente.

TÂNIA FUSCO